

## A POESIA NA MODERNIDADE: A OUTRA VOZ, DE OCTAVIO PAZ

Vanessa Moro Kukul<sup>1</sup>

**Resumo:** O mundo do poeta-crítico ou crítico-poeta Octavio Paz merece ser estudado não tanto por seus acertos ou por seu método, mas por suas indagações e incessante defesa do ato poético - uma ocupação que, para o poeta, têm ambivalências: plenitude e vacuidade, ofício e paixão, vôo e queda, solidão e comunhão. Isso porque, talvez, acima do poeta e do crítico, esteja um dos defensores da poesia em nosso século. Em sua obra *A outra voz*, situa a poesia, na modernidade, entre a revolução e a religião. Para se entender o porquê dessa escolha é imprescindível um olhar mais atento à constelação de Octavio Paz. O interesse deste estudo não se restringe, assim, à reflexão acerca da situação da poesia na modernidade, vai além. Trata-se de um comovente mergulho: um mergulho na obra e no pensamento de Octavio Paz.

**Palavras-chave:** poesia; modernidade; Octavio Paz.

Para tratar da poesia na modernidade é preciso, sobretudo, considerar o espírito de um tempo – *Zeitgeist* – em que o mito revolucionário oxida as artes, tornando-as como índices de ruptura e de convergência.

*A outra voz* – entre a revolução e a religião – é a poesia que, tão menosprezada em nosso século, ocultou-se nas catacumbas. Ouvir essa *outra voz*, enquanto leitores de poemas, é uma experiência semelhante à da criação poética; é participar dessa ocupação ambivalente do poeta: plenitude e vacuidade, ofício e paixão, vôo e queda, solidão e comunhão, entusiasmo e melancolia.

Octavio Paz desde sua infância escreveu poemas e não parou de escrevê-los. Desejou ser poeta e nada mais. Nos seus livros de prosa propôs-se a servir a poesia, defendê-la, pois descobriu que a defesa da poesia é inseparável da defesa da liberdade. No prefácio da obra *O arco e a lira*, o poeta e crítico diz que:

Escrever, talvez, não tenha outra justificativa senão tratar de responder a essa pergunta que um dia nos fizemos e que, por ter recebido resposta, não cessa de nos aguilhoar. [...] Desde que comecei a escrever poemas perguntei-me se realmente valia a pena fazê-lo; não seria melhor transformar a vida em poesia do que fazer poesia com a vida? E a poesia não pode ter como objeto próprio, mais que a criação de poemas, a de momentos poéticos? Será possível uma comunhão universal na poesia? <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Departamento de Letras, UNICENTRO – Guarapuava, PR

<sup>2</sup> PAZ, 1982, p. 9.

Perguntas como essas pareciam inquietar Octavio Paz e, por isso talvez, o levaram a escrever. *O arco e a lira* é a primeira obra da trilogia: *O arco e a lira*, *Os filhos do barro* e *A outra voz*; obras de ensaios acerca, principalmente, do poema e da poesia. Em *A outra voz*, o poeta-crítico faz inúmeras perguntas sobre a vida da literatura, tais como: morre a literatura?; qual o lugar da poesia que vem pela frente?; quem lê livros de poemas?; Maquiavel e Montesquieu, Tocqueville e Marx leram com proveito os poetas e os historiadores da Antiguidade: o que lêem hoje os cientistas políticos universitários?

Rever os mitos da modernidade, os efeitos de uma lógica de mercado na qual a literatura não tem um espaço delimitado, redimir a lírica moderna, assim como o romance moderno, de uma visão de arte feita para a minoria, constituem-se em pontos relevantes da defesa da poesia traçada por Octavio Paz.

Na tradição poética, salienta o autor, a outra voz já foi uma religião. Muitos povos que se sentavam em volta de fogueiras e se deslumbravam com os mitos e com a sua recitação compunham uma comunidade poética, em que ciência e magia eram uma, assim como era com a poesia e a religião, com o canto e a dança.

Modernamente, a poesia talvez seja uma religião privada. Afinal, tratamos de uma sociedade fragmentada e dividida para a qual o que vale são as cifras. Por isso a poesia moderna vai contra o gosto popular, ela representa esse caos, ao mesmo tempo em que tem sido uma crítica contra ela mesma e contra a burguesia. Nesse sentido, tanto a lírica moderna quanto o romance moderno são “um emblema da comunidade perdida”.<sup>3</sup>

A imaginação coletiva, nesse momento, é comovida pelas imagens públicas, pelas estrelas de cinema, pelas figuras da mídia, pela curiosidade em saber sobre a vida dos grandes líderes. Mesmo assim, Octavio Paz defende a poesia e lhe garante um lugar, pois “os assuntos públicos e seus heróis passam; os poemas, as pinturas e as sinfonias não passam”.<sup>4</sup>

Hoje temos um público leitor maior, mas não de obras, de mercadorias (best-sellers) que nunca saciam o consumidor, pois pretendem vender mais e mais. Enquanto isso, a poesia moderna é fadada à indiferença e à hostilidade; o leitor, muitas vezes, se esqueceu de que a compreensão requer tempo:

Neste caso, tempo quer dizer cultura, no sentido primeiro do termo: o leitor deve se cultivar. Esse cultivo, como todos, é produtivo; implica em mudanças e transformações. Cada nova obra poética desafia a compreensão e o gosto público. [...] A operação consiste em uma desaprendizagem do conhecido e uma aprendizagem do novo. [...] A aprendizagem não é privativa da Idade Moderna, [...] o fenômeno se repete em cada época e em todas as sociedades.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Idem, 1993, p. 80.

<sup>4</sup> Idem, *ibid.*, p. 81.

<sup>5</sup> Idem, *ibid.*, p. 93.

A arte moderna exige um envolvimento, uma renovação íntima, uma mudança de sensibilidade; no entanto ela parece agonizar numa sociedade marcada pela conversão dos cidadãos em consumidores. Para Octavio Paz, trata-se de um fenômeno do nosso tempo:

Não, a poesia não agoniza. Às vezes dá a impressão de certo cansaço, languidez e até esterilidade: pela primeira vez, desde a época romântica, não apareceu nestes últimos 30 anos nenhum movimento de envergadura. Mas a mesma coisa acontece com as outras artes. [...] é um fenômeno que não impediu a aparição de bons poetas e artistas. [...] É um dos signos que anunciam o fim da modernidade ou sua transformação.<sup>6</sup>

Vivemos o fim, talvez, de uma poesia caracol, que é a poesia moderna, marcada pela história, a modernidade como afirma o ensaísta, “começa com uma crítica da religião, da economia e da política. “A crítica é seu traço diferencial, seu sinal de nascimento. [...] A crítica encarna na história. [...] Nossa modernidade é incompleta ou, melhor dizendo, é um híbrido histórico [...] Inspirado no pensamento do século XVIII”.<sup>7</sup>

O legado da modernidade parece situar-se nas revoluções, fundadoras da história moderna e suas utopias. A aventura humana continua na poesia, mas:

a cidade dos poetas modernos é a da multidão, a cidade de anúncios luminosos, dos bondes e dos automóveis, que cada noite se transforma num jardim elétrico. [...] O homem ficou sozinho na cidade imensa e sua solidão e a de milhões como ele. O herói da nova poesia é um solitário na multidão ou, melhor dizendo, uma multidão de solitários.<sup>8</sup>

O apogeu e a inauguração da lírica moderna e sua obscuridade se dá no século XIX, principalmente, com Baudelaire, Rimbaud e Mallarmé. Trata-se de uma poesia que deforma, com raríssimas exceções, como os poemas de Walt Whitman. De acordo com Hugo Friedrich:

a realidade desprende-se da ordem espacial, temporal, objetiva e anímica e subtrai as distinções – repudiadas como prejudiciais –, que são necessárias a uma orientação normal do universo: as distinções entre o belo e o feio, entre a proximidade e a distância, entre a luz e a sombra, entre a dor e a alegria, entre a terra e o céu.<sup>9</sup>

A fé no mito revolucionário é marca da modernidade; época de desconstrução dos mitos passados e criação de um novo mito. Nesse sentido, segundo Paz, “a religião pública da modernidade tem sido a revolução, e a poesia, sua religião privada”.<sup>10[10]</sup>

---

<sup>6</sup> Idem, *ibid.*, p. 113.

<sup>7</sup> Idem, *ibid.*, p. 34-5.

<sup>8</sup> Idem, *ibid.*, p. 44-5.

<sup>9</sup> FRIEDRICH, 1978, p. 16-7.

E qual o significado em se dizer que a poesia é a religião privada <sup>11</sup> da modernidade? No ensaio *Os poucos e os muitos*, Octavio Paz pergunta-se “quem e quantos lêem livros de poemas”. Não poesia, pois para o poeta-crítico pode haver “poesia sem poemas; paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos: são poesia sem ser poemas”.<sup>12</sup>

Os poucos leitores de poemas são muitos, porque são incontáveis e proporcionam à arte poética sua continuidade, mas são poucos porque nunca foram a maioria de uma sociedade, salvo, talvez, no despertar da história e das comunidades primitivas.

No prefácio da obra, intitulado como *aviso*, surge a premissa: “não vivemos o fim da poesia, [...] e sim de uma tradição poética que se iniciou com os grandes românticos, atingiu seu apogeu com os simbolistas e seu fascinante crepúsculo com as vanguardas do nosso século. Outra arte amanhece”.<sup>13</sup>

Portanto, independentemente dos nossos conceitos, precisamos garantir a integridade da poesia de todos os tempos. Dessa forma estaremos garantindo nossa própria integridade. Afinal, a poesia nos ajudou a conhecer nossas paixões, e nossa inveja, nossa sensualidade, nossa crueldade, nossa hipocrisia e, enfim, todas as complexidades da alma humana.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

PAZ, Octavio. *A outra voz*. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

\_\_\_\_\_. *O arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

---

<sup>11</sup> É oportuno pontuar que é no século XIX que a leitura se torna individual e silenciosa, antes era coletiva e em voz alta. Ou seja, o privado é uma marca da modernidade e a leitura se torna assim também privada.

<sup>12</sup> PAZ, 1982, p. 16

<sup>13</sup> Idem, 1993, p. 6.